

3 Classes de Palavras

As far as the laws of mathematics refer to reality, they are not certain, and as far as they are certain, they do not refer to reality. (Albert Einstein)

3.1 Introdução

A categorização da palavra de acordo com traços que a posicionam dentro do sistema lingüístico é uma idéia presente na grande maioria dos modelos lexicais. Essa categorização é um elemento imprescindível na caracterização das construções em foco.

Neste capítulo são discutidos os principais aspectos da delimitação das chamadas **classes de palavras**. A seção 3.2 traz uma apresentação geral do tema, a respeito do qual os pontos de vista são teoricamente divergentes mas terminam gerando as propostas de classificação bastante semelhantes. Nas seções 3.3 e 3.4 as classes dos substantivos e dos adjetivos são analisadas em maior detalhe por serem mais centrais neste trabalho.

Ao analisar o substantivo, passo rapidamente pelos critérios de caracterização da classe e apresento em mais detalhe as diferentes sub-classificações que tangenciam de alguma forma a classe dos substantivos-suporte: os substantivos **genéricos** (Halliday & Hasan 1976) e as **conchas nominais** (Schmid 2000).

Já com relação ao adjetivo, discuto inicialmente a própria legitimidade da classe apresentando diversos critérios de caracterização e exemplificando. A distinção entre adjetivos predicadores e não predicadores e os processos morfológicos derivacionais que formam adjetivos são de particular importância pois meu foco é o **adjetivo relacional denominal**.

Na seção 3.5, discuto algumas relações importantes entre as classes de palavras relevantes nesta tese:

- o trânsito entre a classe dos substantivos e a dos adjetivos, muitas vezes fundidas na classe dos **nomes**;

- o trânsito entre a classe verbal e a nominal, por meio do processo de **nominalização**;
- as semelhanças entre verbos e adjetivos com respeito à predicação.

3.2

Propostas de Classificação

A separação das unidades lexicais em **classes de palavras** faz parte da visão aristotélica de linguagem. A vasta maioria dos modelos lexicais utilizaram essa idéia. A classificação das palavras em escaninhos rotulados, obedecendo a critérios que lhes atribuem propriedades em comum faz parte de uma tradição gramatical herdada do grego e do latim. É surpreendente, como mostra a tabela 3.1, como as categorizações clássicas perduram e podem ser encontradas nas mais modernas descrições gramaticais, (cf. Priscianus Charisius), apud (Jurafsky & Martin 2000; Biderman 1978).

<i>ὄνομα</i>	→	nome		<i>nomina</i>	→	nomes
<i>ἀντωνυμία</i>	→	pronome		<i>pronomina</i>	→	pronomes
<i>ῥήμα</i>	→	verbo		<i>verba</i>	→	verbos
<i>ἐπίρρημα</i>	→	advérbio		<i>adverbia</i>	→	advérbios
<i>μετοχή</i>	→	particípios		<i>participia</i>	→	particípios
<i>ῥύνδεσμος</i>	→	conjunções		<i>coniunctiones</i>	→	conjunções
<i>πρόθερις</i>	→	preposições		<i>praepositiones</i>	→	preposições
				<i>interiectiones</i>	→	interjeições
<i>ἄρθρον</i>	→	artigo				

Tabela 3.1: Classes de palavras na tradição grega (esq.) e latina (dir.)

Rosa (2000) discute extensivamente diversas propostas históricas de categorização das palavras e suas motivações, observando que esses esquemas se mantiveram com poucas alterações significativas (o adjetivo é uma delas, o que será discutido no seção 3.4). Entretanto, nota que:

“[...] a classificação das palavras deixou de basear-se em critérios semânticos e passou a ter por fundamentos critérios distribucionais, funcionais e sua categorização. A diferença de foco está, até certo ponto, refletida na nomenclatura: o uso da expressão **classe de palavra**, em lugar de **parte do discurso**, procura assinalar a ruptura com as noções que norteavam os estudos tradicionais.” (Rosa 2000, p. 99)

Utilizo o termo **classes de palavras** e, com apoio em (Câmara Jr 2000) e (Basilio 1999c), considero que é possível adotar três critérios na sua categorização: o critério semântico, o morfológico (pelas categorias flexionais

aspecto semântico-sintático	aspecto ontológico	tradição gramatical
sujeitos	entidades	substantivos
predicados	qualidades	adjetivos
predicadores	ações	verbos

Tabela 3.2: Motivações para as classes de palavras

que apresentam) e o sintático-funcional. Lyons (1977) apresenta, em dois paralelos, as motivações principais para as classes de palavras, como mostra a tabela 3.2

O critério semântico ou nocional é o motivador mais tradicional para a classificação das palavras. A grosso modo, os **substantivos** designam as pessoas, os objetos ou as situações, os **verbos** designam processo, os **adjetivos** designam as qualidades dos substantivos e os **advérbios** designam as qualidades dos verbos ou dos adjetivos (Dubois *et al.* 2001). As **preposições** e **conjunções** indicam relações lógicas entre outros elementos do discurso, os **artigos** determinam os substantivos e os **pronomes** os substituem.

Essa tradição da categorização nocional é duramente criticada por formalistas, que consideram a abordagem imprecisa e não preditiva, além de não se mostrar apropriada para expressar generalizações gramaticais que não se adequem aos limites das classes de palavras existentes. Emonds (1987) propõe um abandono irrestrito das classificações tradicionais em favor da abordagem formalista gerativa, como mostra a seguinte passagem.

“Overall, I think it must be concluded that this tightly arranged and interlocking system of bar notation categories is a tremendous advance over the *ad hoc*, loosely defined, overlapping, and generally unenlightening systems of traditional grammar. As such it is entirely reasonable and feasible that traditional classifications now give way to the more rational, cohesive, and essentially simple bar notation system discovered by generative grammar, at any educational level at which elements of syntax are taught.”

Por outro lado, Lyons (1977), mesmo acreditando na possibilidade de formulação de “procedimentos diagnósticos” de cunho sintático para o traçado preciso e definitivo de uma classificação vocabular, afirma que o interesse nesses procedimentos deve ser motivado pelo estabelecimento de propriedades semânticas das classes resultantes. Além disso, Lyons observa que:

“The fact that there appears to be a positive correlation in all languages between syntactically defined and semantically defined

expression-classes would tend to support the traditional view that there is a high degree of interdependence between the syntactic structure of sentence-nuclei and the semantic function of their constituent expressions. Despite what has been said at times by certain linguists there is no reason to doubt that the traditional view is, to this extent at least, well-founded.” (Lyons 1977, p. 438)

Apesar da procedência de uma das principais críticas às classificações tradicionais – a de que são inaplicáveis, em todos os seus detalhes, a línguas cujas estruturas gramaticais diferem significativamente das línguas indo-européias – existe uma quase unanimidade com respeito à distinção entre verbo e substantivo. Os verbos e os substantivos são classes tradicionalmente destacadas como as essenciais na gramática. Parecem ser classes indispensáveis na enunciação, possuindo realidade psicolinguística e tendo sido identificadas universalmente em extensos estudos trans-lingüísticos (Rosa 2000). Sapir, um conhecedor de numerosas e variadas línguas norte-americanas, reafirma a essencialidade dos verbos e nomes na seguinte passagem:

“There must be something to talk about and something must be said about this subject of discourse once it is selected. [...] The subject of discourse is a noun. As the most common subject of discourse is either a person or a thing, the noun clusters about concrete concepts of that order. As the thing predicated of a subject is generally an activity in the widest sense of the word, a passage from one moment of existence to another, the form which has been set aside for the business of predicating, in other words, the verb, clusters about concepts of activity. No language wholly fails to distinguish noun and verb [...]” (Sapir 1921, p.117)

Mesmo que o texto de Sapir não seja formalmente preciso (Lyons (1977) observa que deve haver uma distinção entre “nome” e “expressão nominal”, por exemplo), o autor consegue estabelecer o paralelo entre as classes verbal e nominal e os processos de predicação e referenciação, respectivamente.

Diversos autores estruturalistas, mais notadamente Bloomfield (1926), rejeitaram a universalidade das categorias dos nomes e dos verbos (ou de qualquer outra categoria); no entanto, contemporaneamente, o consenso a esse respeito tem sido restabelecido principalmente por estudos da psicologia cognitiva e da psicolinguística (Laudanna & Voghera 2002).

O conjunto das classes de palavras pode ser ainda subdividido para refletir determinadas propriedades das classes. Rosa (2000) discute a distinção entre

classes de palavras com **significado lexical** e com **significado gramatical**. Se por um lado é problemático admitir que algumas palavras isoladamente são portadoras de significado, e não outras, por outro lado, há variantes a essa oposição que terminam subdividindo as classes de palavras de maneira semelhante: palavra de conteúdo \times palavra de forma, palavra lexical \times palavra gramatical, palavra plena \times palavra vazia, contentivo \times functor, vocábulo forma \times vocábulo conectivo (Câmara Jr 2000). Um outro critério de subdivisão do conjunto das classes de palavras é quanto ao potencial de gerar vocabulário: as **classes abertas** e as **classes fechadas**.

A atribuição de classes de palavras é fundamental para muitas das aplicações do Processamento de Linguagem Natural, tais como *parsing* sintático e semântico, análise do discurso e processamento de fala. Para atender à necessidade computacional de lidar com classes menos ambíguas, ou seja, com menor interseção entre seus membros, os critérios utilizados para a categorização tendem a se basear em distribuição sintática e morfologia.

A precisão da classificação também é um requisito computacional importante, por isso recursos computacionais tais como bases de dados lexicais e corpora anotados com POS – do inglês *part of speech* – tendem a utilizar classes de maior granularidade. Por exemplo, o Penn Treebank (Marcus, Santorini, & Marcinkiewicz 1993) utiliza 45 classes, incluindo, junto com as clássicas, rótulos diferenciados para palavras estrangeiras, nomes próprios, símbolos fora do alfabeto, entre outros. Os verbos são também rotulados quanto à morfologia da ocorrência (forma básica, passado, gerúndio, particípio e terceira pessoa do singular), assim como os substantivos (singular e plural). Outros conjuntos chegam a ter centenas de classes.

Com o objetivo de estabelecer os aspectos fundamentais que participam da caracterização do substantivo e do adjetivo enquanto classes de palavras do português, apresento a seguir uma visão geral de cada aspecto dessas classes.

3.3

Considerações sobre a classe dos substantivos

3.3.1

A caracterização do substantivo

Os substantivos formam uma classe primária, conforme discutido na seção 3.2, presentes em todos os sistemas de classificação de palavras, seja qual for o critério adotado. Além disso, os substantivos são classificados como palavra lexical, pertencentes a uma classe aberta.

Tradicionalmente, aos substantivos é atribuída primordialmente a função

de sujeito de uma proposição, ou seja, é a parte da oração à qual se atribui uma predicação. Secundariamente o substantivo pode exercer a função de complemento objeto de verbos (Biderman 1978). Mesmo quando pretende definir o substantivo como “a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral”, Cunha & Cintra adicionam que:

“Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, privativamente, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva. Qualquer palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo.” (Cunha & Cintra 1985, p. 171)

De maneira mais formal, (Huddleston 2000) enumera três propriedades compartilhadas pelos elementos mais centrais da classe dos substantivos:

Potencial Funcional I. Funcionam como núcleos na estrutura de sintagmas nominais (SNs). Os SNs, por sua vez, realizam uma variedade de funções, dentre as quais destacam-se a de sujeito, complemento objeto ou predicativo na estrutura clausal, complemento em um sintagma preposicional;

Potencial Funcional II. Como núcleos de SNs, tem como termos dependentes membros de outras classes de palavras, principalmente determinantes e adjetivos.

Flexão Possuem as categorias flexionais de número (singular ou plural) e às vezes gênero (feminino ou masculino).

Não se encontram caracterizações que fujam muito desse esquema nas gramáticas tradicionais (Bechara 1980; Cunha 1972; Cunha & Cintra 1985; Rocha Lima 1998; Said Ali 2001), que se estendem, além disso, nos sistemas flexionais e outras características da morfologia do substantivo.

Uma distinção muito comum nas gramáticas tradicionais é feita entre os substantivos **concretos** e os **abstratos**. A subclasse dos substantivos abstratos será utilizada por (Schmid 2000) na caracterização das **conchas nominais**, na seção 3.3.3, por isso comento brevemente as definições propostas, porém ressalvo que são definições simples demais para serem utilizadas como critérios de delimitação.

Said Ali (2001) justifica a classe dos abstratos pela necessidade de nomear atributos de atributos, como beleza, tristeza, simpatia, etc.

“Os atributos, posto que sejam inerentes aos seres, são considerados muitas vezes como se existissem separados deles, como se fossem

outras entidades. Os substantivos que os representam chama-se abstratos; são concretos os nomes de referência direta aos seres.”

(Said Ali 2001, p. 47)

Bechara (1980) introduz a noção de “existência independente”, para definir o substantivo concreto como o que “designa ser de existência independente: casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe”; o abstrato designa ser de existência dependente”, tais como ações, estados e qualidades, “considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual”.

3.3.2

Substantivos genéricos

Uma das características do substantivo-suporte é o grau de generalidade, ou falta de especificidade, com que é utilizado para denominar. Normalmente, denomina-se de substantivo genérico ao nome usado para fazer referência a um membro típico de um grupo. Por exemplo:

ex. 3.1 *O ESTUDANTE de sétima série que estiver usando este manual para estudo poderá observar em seu próprio corpo as transformações progressivas provocadas pela atividade hormonal.*

apresenta um uso genérico de ESTUDANTE, enquanto que

ex. 3.2 *Mas o golpe de 1964 e a situação política acabaram obrigando o jovem ESTUDANTE a trocar os livros, no segundo ano de faculdade, pelo microfone.*

apresenta um uso não genérico do mesmo substantivo.

Nesse sentido, qualquer substantivo pode ser utilizado no sentido genérico. Entretanto, a classe de substantivos genéricos, como definida por (Halliday & Hasan 1976) constitui-se em um pequeno conjunto de substantivos que possuem referência generalizada dentro de uma grande classe de substantivos, tais como “human noun”, “place noun” e “fact noun”. O substantivo genérico encontra-se no limite entre uma palavra lexical - classe aberta - e uma palavra gramatical - classe fechada. No exemplo a seguir, o sujeito UMA PACIENTE é reiterado pela superclasse A MULHER.

ex. 3.3 *Uma PACIENTE em coma desde 1985 deu à luz a um bebê prematuro, de sete meses, com boas chances de sobrevivência . A MULHER, de 29 anos, foi estuprada e o hospital só descobriu que ela estava grávida quatro meses e meio depois, quando sua barriga começou a crescer e a idéia de ser obstrução digestiva foi afastada .*

Halliday e Hasan situam essa categoria de substantivos dentro do contexto de coesão textual, onde muitas vezes é necessário reiterar algo que já tenha sido mencionado previamente, como mostra o exemplo a seguir.

ex. 3.4 *Romário sentiu a musculatura da coxa ao tentar participar do treino de ontem. O FATO levou os médicos do Flamengo a marcarem um exame de ressonância magnética para hoje, onde será detectado qual o real problema de Romário.*

Essa forma de reiteração envolve o uso de um nome de classe que inclua o que se pretende reiterar. Segundo Halliday & Hasan:

“The general principles behind this is simply that demonstratives, since (like other reference items) they identify semantically and not grammatically, when they are anaphoric require the explicit repetition of the noun, or some form of synonym, if they are to signal exact identity of specific reference; that is, to refer unambiguously to the presupposition at the identical level of particularization. A demonstrative without a following noun may refer to some more general class that includes the presupposed item.”
(Halliday & Hasan 1976, p.64-65)

Uma lista de substantivos genéricos para o inglês pode ser vista na tabela 3.3.

Classe	Exemplos
humano	person, man, woman, child, boy, girl
não-humano animado	creature
inanimado concreto	thing, object
inanimado concreto contínuo	stuff
inanimado abstrato	business, affair, matter
ação	move
lugar	place
fato	question, idea

Tabela 3.3: Lista de substantivos genéricos do inglês

Outro tipo de substantivo genérico, encontrado em diversas línguas, são os **marcadores de lugar (place-holder words)**, um conjunto de palavras genéricas, utilizadas com propósitos pragmáticos e discursivos. Os usos mais comuns desse tipo de palavra são:

- substituir palavras esquecidas;

- substituir palavras tabu;
- fazer referência a algo desconhecido, atípico ou censurável.

Entre os marcadores mais comuns em português encontram-se: COISA, NEGÓCIO, TRECO, LANCE, TREM, SUJEITO, ELEMENTO, INDIVÍDUO, FULANO, SICRANO e BELTRANO. As gírias são ricas em marcadores, como por exemplo CARA e PARADA, e até mesmo expressões como NÃO SEI DAS QUANTAS.

Esse tipo de substantivo se parece com o substantivo-suporte com relação ao seu valor semântico vago, no entanto, distribucionalmente difere bastante. Os marcadores de posição possuem um caráter pronominal muito mais acentuado.

3.3.3

Conchas Nominais

Schmid (2000) apresenta uma classe de substantivos conceitualmente semelhantes ao substantivo-suporte que queremos caracterizar. São substantivos abstratos denominados **conchas nominais (shell-nouns)**.

Do ponto de vista gramatical, as conchas nominais podem ser encontradas nas seguintes construções:

1. Determinante + (Modificador) + Substantivo + cláusula-THAT ou cláusula-WH ou TO-infinitivo

ex. 3.5 *The (deplorable) FACT that I have no money.*

Em português: Determinante + (Modificador) + Substantivo + (Modificador) + de + cláusula-QUE ou infinitivo

ex. 3.6 *O método rítmico se baseia no FATO de que a ovulação ocorre 14 dias antes do dia de início da próxima menstruação.*

2. Determinante + (Modificador) + Substantivo + be + cláusula-THAT completiva ou cláusula-WH ou TO-infinitivo

ex. 3.7 *The (big) PROBLEM was that I had no money.*

Em português: Determinante + (Modificador) + Substantivo + (Modificador) + ser + cláusula-QUE completiva ou infinitivo

ex. 3.8 *O único PROBLEMA é que às vezes o pimpolho conta as anedotas mais calientes bem na presença dos sisudos amigos do poderoso papai.*

Considerando-se três classes nominais, os substantivos plenos, as conchas nominais e os pronomes com função anafórica, Schmid traça uma comparação entre o potencial de caracterização, o potencial de formação de conceito e o potencial de ligação dessas palavras.

Os substantivos plenos possuem potencial de caracterização detalhada, com denotação estável, capazes de denotar pessoas, objetos, animais, plantas, atividades, eventos, propriedades e circunstâncias. Os pronomes com função anafórica, tais como os pronomes retos, caracterizam os referentes com respeito a um número limitado de dimensões: gênero, número, pessoa e eventual humano versus não humano. As conchas nominais ficam em uma posição intermediária, pois o falante só consegue utilizá-la para caracterizar uma experiência de maneira muito geral e os detalhes da informação são providos pelo chamado **conteúdo da concha (shell content)**.

Com respeito ao potencial de formação de conceito, os substantivos plenos se relacionam estavelmente com o conceito, ou conceitos, relacionados ou não, que encapsulam. Pronomes, por outro lado, estão temporariamente ocupando o lugar de outras instâncias de conceitos. As conchas nominais novamente se colocam entre esses dois polos: exibem uma relação conceitual constante com um certo tipo de experiência, por serem substantivos abstratos, mas são temporários pois seus conteúdos mudam de acordo com o contexto lingüístico. Schmid considera que o conceito propiciado por uma concha nominal consiste de “uma parte simbólica estável e uma parte variável indexal”.

O potencial de ligação de um item lexical é tipicamente demonstrado pela função de pronomes anafóricos: eles indicam que dois elementos lingüísticos devem ser interpretados como dependentes. Os substantivos plenos não possuem essa capacidade, a não ser no sentido de estabelecer relações semânticas, no contexto de coesão lexical e substantivos genéricos (Halliday & Hasan 1976). As conchas nominais se aproximam bem mais dos pronomes anafóricos nesse aspecto.

Podemos identificar as conchas nominais com os substantivos-suporte com respeito ao potencial de caracterização e ao potencial de formação de conceito. O potencial de ligação descrito por Schmid é dependente do contexto gramatical em que o substantivo ocorre, e é justamente nesse ponto que as duas classificações de substantivos se separam. Estamos observando as construções *S + Adj*, bastante diversas das construções típicas de conchas nominais. Não há, em nosso caso, a função de ligação ou coesão textual.

A classe dos substantivos admite uma profusão de classificações, principalmente quanto a aspectos morfológicos, semânticos e pragmáticos. Os recortes que foram apresentados são baseados em diferentes composições desses

aspectos, motivados por uma visão funcionalista dessa classe essencial na descrição gramatical.

3.4

Considerações sobre a classe dos adjetivos

3.4.1

A caracterização do adjetivo

Tradicionalmente nas línguas indo-européias, o adjetivo é distintivamente considerado como uma classe-de-palavras, ainda que as definições tradicionais para as classe-de-palavras sejam inadequadas para caracterizar os conjuntos que as representam. Segundo Quirk *et al.* (1978), mesmo assim

“[...] because of their general currency, it is convenient to continue to refer to adjectives [...] in English as word-classes but we must be aware that they do not constitute well-defined classes and, moreover, that neither class is homogeneous”. (Quirk *et al.* 1978, p.231)

Em linhas gerais, o adjetivo é conceituado como um modificador do substantivo, mesmo que, como reconhece Lyons (1977) “there are [...] some adjectives for which this statement is not valid; and there are other [...] adjectives for which its validity is questionable”. Algumas gramáticas do inglês, como (Nesfield 1907), consideram adjetivos todas as palavras que podem ocorrer como modificadores de substantivos, tais como artigos, numerais, pronomes demonstrativos, possessivos e indefinidos.

Nas línguas românicas, os adjetivos se aproximam mais dos substantivos do que no inglês, por exemplo, principalmente por seguirem o mesmo padrão flexional dos substantivos. Sendo assim, Said Ali chama de nome as “palavras com que se designam os seres e seus atributos”, subclassificando entre eles os adjetivos como denominadores de atributos. As gramáticas tradicionais do português, tais como (Nunes 1960) e (Said Ali 2001), abordam a classe dos nomes apenas sob o ponto de vista das categorias gramaticais que lhe são próprias, tais como número, gênero e gradação.

Câmara Jr (2000) justifica uma divisão das palavras em nomes, verbos e pronomes, pelo que chama de critério morfo-semântico, já que dentro destas grandes classes há uma certa uniformidade flexional e semântica. Entre os nomes encontram-se os adjetivos, que se diferenciam dos substantivos e dos advérbios por serem “termos determinantes de outro nome”. Neste ponto, Câmara Jr reconhece a dependência essencial do adjetivo com relação ao substantivo determinado, utilizando um critério funcional.

As tentativas de caracterização da classe dos adjetivos foram divididas abaixo entre as que utilizam um critério primariamente semântico e as que utilizam um critério primariamente sintático. Embora a interligação entre estas duas visões seja de grande interesse lingüístico, possivelmente por uma relação em que o aspecto semântico seja a causa do comportamento sintático, não me estendo nesta discussão, recomendando o texto (Lyons 1977) para o leitor interessado.

O critério semântico

A classe dos adjetivos é abordada nas gramáticas tradicionais do português, com diferentes graus da profundidade. Rocha Lima (1998) caracteriza o adjetivo tão somente como “a palavra que restringe a significação ampla e geral do substantivo”.

Para Cunha & Cintra (1985), há dois tipos de adjetivos. O primeiro modifica o substantivo para caracterizar os seres, os objetos ou as noções por ele nomeadas, indicando-lhes uma qualidade, modo de ser, aspecto ou aparência ou um estado. O segundo tipo de adjetivo modifica o substantivo para estabelecer com este uma relação de tempo, espaço, matéria, finalidade, propriedade, procedência, etc. Denominados de adjetivos de relação, são de natureza classificatória, ou seja, precisam o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe a extensão do significado.

Bechara (1980) apresenta uma análise bem mais elaborada das funções do adjetivo, definido como a classe de lexema que se caracteriza por constituir a delimitação, isto é, caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma parte ou a um aspecto do denotado. A palavra-chave da definição de Bechara é delimitação, que apresenta três modalidades: a explicação, a especialização e a especificação.

Apesar da preocupação com distinções semânticas possivelmente importantes, a análise das funções dos adjetivos proposta por Bechara é de difícil emprego, já que os critérios utilizados são de extrema subjetividade e de formulação imprecisa.

O critério sintático-funcional

No português, todos os adjetivos obedecem a concordância de gênero e número com o sintagma que complementa ou modifica:

ex. 3.9

1. *[As meninas são bonitas.]*
2. *[Os garçons são meio lerdos.]*

Além desta forte característica sintática, podem-se arrolar as seguintes propriedades, que, segundo (Huddleston 2000), os membros mais centrais da classe dos adjetivos possuem.

1. Os adjetivos ocorrem como núcleo em sintagmas que funcionam como complemento predicativo em uma oração: uso predicativo. Podem ser predicativos do sujeito, como em

ex. 3.10 (Maria é bonita.)

ou predicativos do objeto, como em

ex. 3.11 (João considera Maria bonita.)

A posição de aposto também é possível em alguns casos, como

ex. 3.12

(a) [*Bonita, a moça era muito assediada.*]

(b) [*Motivado, João era o meu melhor aluno.*]

Considero este tipo de ocorrência como predicativa, pois o adjetivo aposto vale semanticamente pela redução de uma oração em que o mesmo ocorre como predicativo, como pode ser observado em

ex. 3.13

(a) [*Por ser bonita, a moça era muito assediada.*]

(b) [*Quando estava motivado, João era o meu melhor aluno.*]

2. Os adjetivos ocorrem como núcleo em sintagmas que funcionam como modificadores de sintagmas nominais: uso atributivo ou adnominal, como em

ex. 3.14

(a) [*A menina bonita*]

(b) [*O garçom meio lerdo*]

A posição primária do adjetivo atributivo é pós-nominal, embora algumas vezes possa ocorrer em posição pré-nominal (A BONITA MENINA). Algumas vezes o pré-posicionamento do adjetivo acarreta alterações semânticas sensíveis, como mostra o contraste entre MEU VELHO AMIGO e MEU AMIGO VELHO.

No português existe ainda um tipo de ocorrência do adjetivo, minoritária é bem verdade, que não pode ser reduzida a 1 ou 2. É o caso de adjetivos em uma estrutura *Adj de Det N*, como em

ex. 3.15

(a) [*A idiota da menina*]

(b) [*O safado do meu cunhado*]

Nesta posição os adjetivos apresentam diversas peculiaridades, como por exemplo, não admite gradação e são em grande parte pejorativos.

3. Os adjetivos podem sofrer gradação, seja através de intensificadores, como advérbios de intensidade, seja através dos graus comparativo e superlativo, seja através dos graus diminutivo e aumentativo.

No português, existem algumas poucas formas sintéticas para o adjetivo comparativo, como MAIOR e MENOR para o adjetivo GRANDE. Em geral, o grau comparativo é obtido pelo uso dos modificadores MAIS, MENOS e TÃO, como em MAIS BONITA. O grau superlativo realiza-se, em alguns adjetivos, pela adição do morfema -íssimo, como em BELÍSSIMO, entre outros.

Nem todos os adjetivos ocorrem livremente nos contextos descritos em 1, 2 e 3. Por exemplo, as propriedades 1 e 3 não se aplicam a adjetivos denominais, como é discutido a seguir e, em maiores detalhes, em (Basilio, Oliveira, & Garrão 2003).

3.4.2

Subclasses de adjetivos

Raskin & Nirenburg (1995) apresentam uma revisão de diversas taxonomias para os adjetivos, elaboradas em diferentes épocas, tendo como foco diferentes línguas. As características que comparecem em todas as taxonomias, de uma maneira ou de outra, envolvem dimensão, propriedade física, cor, idade, valor, velocidade, etc. Estas características podem ser agrupadas de diversas maneiras, como por exemplo, relacionando-as segundo os sentidos perceptuais humanos.

Concordo com Raskin quando considera que a questão central que distingue os adjetivos entre si, de importância tanto sintática quanto semântica, é a diferença entre adjetivos predicadores e não predicadores. A denominação utilizada por Raskin é adjetivo **qualitativo** para o primeiro caso e adjetivo **relacional** para o segundo. Conforme (Basilio, Oliveira, & Garrão 2003), encontra-se majoritariamente nos trabalhos voltados para o português a denominação adjetivo **predicativo** (equivalente ao qualitativo) e **denotativo** (equivalente ao relacional).

As propostas de análise das funções do adjetivo denotativo que examinamos aqui têm como ponto em comum o fato de que, ora o adjetivo adiciona propriedades ao substantivo, ora restringe-lhe o referente. Esses comportamentos distintos podem ser observados nas propriedades sintáticas do sintagma nominal onde ocorre o adjetivo.

Perini (1978) parte da constatação de que alguns sintagmas nominais S Adj não podem ser transformados para orações relativas como em

esperam a bênção papal → *esperam a bênção que é papal

Os adjetivos que compõem tais sintagmas, a que ele chama de *denominais*, com frequência podem ser transformados em sintagmas preposicionais como em

esperam a bênção papal → esperam a bênção do papa

Perini observa que uma análise morfológica dos adjetivos denominais revela a predominância da base substantiva, o que, entretanto, não determina as propriedades sintáticas do sintagma. Sua proposta é que a ocorrência do adjetivo seja interpretada como **referencial** ou **atributiva**. A distinção fica clara na comparação entre as seguintes ocorrências do adjetivo PRESIDENCIAL.

ex. 3.16

1. [*A atitude PRESIDENCIAL foi desfavorável.*] (*atitude tomada pelo presidente*)
2. [*Ele vive assumindo atitudes PRESIDENCIAIS.*] (*atitude típica de um presidente*)

No primeiro caso a interpretação é referencial, pois o adjetivo é usado para fazer referência ao substantivo base; no segundo caso a interpretação é atributiva, pois o adjetivo atribui ao substantivo núcleo do sintagma as propriedades próprias da classe determinada pelo substantivo base do adjetivo.

Em (Basilio & Gamarski 1995), as autoras organizam o quadro das funções dos adjetivos nos sintagmas nominais, de modo a caracterizá-las gramaticalmente. A função de **preenchimento argumental** tem caráter sintático, a função **denotativa** tem caráter semântico lexical e a função **predicativa** tem caráter proposicional. Basilio & Gamarski observam que o adjetivo em função denotativa denota uma nova “classe natural” através da combinação de suas propriedades denotativas com as do substantivo que modifica. A motivação para a formação desse tipo de adjetivos é a potenciação das possibilidades denotativas da língua. Nesse artigo as autoras ressaltam a relevância da formação de adjetivos denominais denotativos dado o seu caráter fundamentalmente lexical, já que desempenham as funções de representar conceitos e fornecer elementos para a construção de enunciados.

Bastos (1980) examina os adjetivos denominais combinados a nominalizações de verbos, observando o papel de complemento do adjetivo. A primeira distinção apontada por Bastos se dá entre a interpretação classificativa – que classifica objetivamente a nominalização – a interpretação circunstancial – que determina o substantivo expressando circunstância – e a interpretação qualificativa – que atribui às nominalizações uma qualidade subjetiva. As interpretações classificativa e circunstancial são agrupadas como especificativas.

A partir dessa classificação, Bastos procura estabelecer critérios para um relacionamento argumental entre a nominalização e o adjetivo denominal. Para a autora os adjetivos podem ter uma função **subjetiva** se a base substantiva for o sujeito da base verbal da nominalização, como por exemplo em PENSAMENTO FREUDIANO. Por outro lado, o adjetivo pode ser **objetivo** se for o objeto, como em REFORMA TRIBUTÁRIA.

A proposta de (Lobato 1993) considera que a denotação é uma relação entre as propriedades semânticas abstratas de uma expressão – sua intensão – e o conjunto de referentes em potencial dessa mesma expressão – sua extensão. As diferenças entre os substantivos comuns e os adjetivos são, além das de natureza distribucional sintática, decorrentes do fato de que, embora ambas as categorias remetam a um conjunto de propriedades semânticas abstratas, somente nos substantivos a intensão pode levar à extensão.

Segundo Lobato, o adjetivo denotativo acrescenta propriedades semânticas às propriedades denotativas da expressão nominal a que ele se refere, daí a denotação do sintagma dá-se como uma conjunção de predicados. Já o adjetivo predicativo atribui propriedades semânticas ao referente denotado pela expressão nominal que ele modifica, resultando em uma leitura proposicional.

Segundo (Levi 1978), cujo propósito é evidenciar que adjetivos denomi-

nais são transformacionalmente derivados dos substantivos derivantes, existem características típicas de substantivo apresentadas pelo adjetivo não predicativo, sendo as essenciais:

- não gradatividade;
- não podem ser coordenados a adjetivos predicativos;
- quantificação por prefixos bi-, tri-, mono-, poli-, uni-, multi-, por exemplo, MULTI-DIMENSIONAL corresponderia ao sintagma VÁRIAS DIMENSÕES;
- impossibilidade de nominalização.

Muitos adjetivos morfologicamente denominais funcionam predicativamente, como pode ser visto no contraste entre “NOTA MUSICAL” e “CRIANÇA MUSICAL”. Esta duplicidade é acompanhada de um fenômeno de flutuação semântica reconhecido, mas pouco explicado na literatura.

Vilela & Silva (2003) propõem uma abordagem para o estudo dos adjetivos baseada na teoria da lingüística cognitiva, onde o foco são os princípios da sua própria categorização, ou seja, as propriedades prototípicas dos adjetivos. Assim, os autores buscam responder “Quais são as propriedades prototípicas dos adjetivos? Sob quês condições uma seqüência não é gramatical por causa da posição do adjetivo com relação ao substantivo?”. Segundo essa perspectiva, é possível estabelecer uma distinção entre dois grupos adjetivais de acordo com sua proximidade ao protótipo: (i) os adjetivos nucleares ou prototípicos; (ii) os adjetivos periféricos ou não-prototípicos. Segundo os autores, adjetivos nucleares:

- são morfologicamente simples;
- são unidimensionais (aceitam grau);
- são sincategoremáticos (dependem do substantivo para realizarem sua interpretação);
- pertencem à classe semântica das propriedades (a partir de uma frase *S Adj*, pode-se responder “Como é S? Adj.”);
- são atributivos ou predicativos;
- ocorrem em posição pós ou pré-nominal.

Neste sentido, Vilela & Silva posicionam o adjetivo predicativo entre os mais prototípicos e os denotativos entre os mais periféricos.

3.4.3

Morfologia do adjetivo

Deixando de lado a morfologia flexional dos adjetivos, que atua na formação de flexões de gênero e número, esta seção aborda a morfologia lexical, que dá conta da formação dos adjetivos derivados.

Existe um número considerável de processos de sufixação que resultam em adjetivos. Com base substantiva, o sufixo mais produtivo é o -al/-ar, principalmente por ser o mais neutro semanticamente, não apresentando restrições de uso quanto às bases. É adicionado a radicais latinos, primitivos ou derivados com a estrutura Xção, Xmento e Xncia, tais como EDUCACIONAL, PARLAMENTAR e EMERGENCIAL. Menos produtivo, o sufixo -ário adiciona-se a bases latinas, a partir de bases presas e formas livres ou derivadas com estrutura Xção, Xmento, Xncia e Xidade, tais como INFLACIONÁRIO e UNIVERSITÁRIO. O sufixo -ico carrega maior formalidade, sendo mais aplicado a radicais gregos e, com frequência, a bases presas, como em TECNOLÓGICO.

Entre os sufixos com conteúdo semântico encontram-se aqueles com o significado “provido de”. Os mais neutros deles são -oso e -ado. O primeiro adiciona-se a radicais latinos, primitivos ou derivados com a estrutura Xmento, Xncia e Xidade, como em MEDICAMENTOSO, SUBSTANCIOSO e CARIDOSO. O segundo adiciona-se a substantivos não derivados, muitas vezes em formações parassintéticas, como descrito mais à frente. O sufixo -ento tem caráter claramente pejorativo, como em SARNENTO e GRUDENTO. O sufixo -udo traz a idéia de ‘exageradamente provido de’, adicionando-se muitas vezes a partes do corpo como NARIGUDO e POPOZUDO.

Outro grupo de sufixos semanticamente não vazios é o de formadores de adjetivos pátrios ou denominadores de origem. Pertencem a este grupo os sufixos -ense, -ês e -ano, bastante produtivos a partir de nomes próprios de países, cidades, etc, tais como CEARENSE, JAPONÊS e BAIANO. Este último também pode indicar autoria, como em MACHADIANO e portadores de signos do zodíaco, como CAPRICORNIANO.

Entre os processos majoritários de formação de adjetivos a partir de verbos temos a formação V-do a partir de verbos transitivos, como CUMPRIDO, ou intransitivos, como NASCIDO. Em muitos casos as formações V-do são controversas, pois pode se tratar de flexões verbais do particípio ou conversões de verbos para adjetivos. Outras formações incluem a sufixação por -nte, -tivo, -tório e -dor, como ANDANTE, DISSERTATIVO, ACUSATÓRIO e REVELADOR, com variadas interpretações semânticas dependentes do verbo.

Com uma semântica mais estável, as formações com o sufixo -vel indicam a qualidade de afetado potencial pela ação verbal ou caracterizado pelo po-

tencial do verbo, como FLEXÍVEL, INFLAMÁVEL e VARIÁVEL. Alguns exemplos de base substantiva, como RAZOÁVEL, SAUDÁVEL e MISERÁVEL apresentam grande irregularidade semântica.

Finalmente, há a formação de adjetivos a partir de adjetivos e substantivos pelos sufixos dos graus aumentativo, diminutivo e superlativo. Muitas vezes, estes processos possuem caráter expressivo muito mais que denotativo, como em CANSADAÇO e APARTAMENTAÇO. Da mesma maneira, grande parte dos diminutivos podem indicar pejoratividade. Há também o sufixo -oso, que embora participe de um processo de formação de adjetivos denominais, também aparecem combinados a adjetivos, como em FEIOSO.

Processos de prefixação, por não envolverem mudança categorial, também geram adjetivos a partir de adjetivos. Por seu alto grau de produtividade destacam-se os prefixos negativos des- e in-; os prefixos de gradação como super-, ultra-, hiper-, sub-, bem-; os prefixos que indicam relações espaço-temporais, como pre-, pos-, inter-, trans-, super- e sub-.

O processo de derivação parassintética ocorre quando há adição simultânea de prefixo e sufixo a uma base, tanto verbal quanto nominal. Do ponto de vista morfológico, a verificação da parassíntese [a [b] c] ocorre quando não se identificam palavras correspondentes [a [b]] ou [b [c]]. Entre os processos mais produtivos podemos citar: as formações des-X-ado, com X substantivo, indicando desprovido de X (DESMIOLADO); a-X-ado, com X adjetivo ou substantivo, indicando aproximadamente X (ACINZENTADO, APRESSADO); en-X-ado, com X substantivo, indicando provido de X (ENDINHEIRADO); in-X-vel, com X verbo, indicando a negação de X-vel (IMPRATICÁVEL).

Um tipo curioso de formação de adjetivo é a conversão, que consiste na transposição de um item lexical de uma classe para outra sem alteração de sua forma fonológica. Alguns exemplos bastante recentes deste tipo de formação, como MODELO e PADRÃO mostram a vitalidade do processo.

3.4.4

O adjetivo no enunciado

Adjetivos predicativos podem ser modificados, principalmente com respeito à gradação. Os advérbios de intensidade são seus modificadores naturais, como MUITO, MAIS, MENOS, TOTALMENTE, ABSOLUTAMENTE, etc.

Dada a sua natureza predicativa, adjetivos podem semanticamente corresponder a predicados n-argumentais. Isto se traduz sintaticamente em complementos, muito embora não se possa atribuir-lhes a mesma variedade e riqueza da complementação verbal. Os complementos mais simples são os sintagmas nominais, como em

ex. 3.17

1. *feliz da vida*
2. *irritados com José*

Orações podem fazer o papel de modificador e de complemento. Observando os seguintes enunciados:

ex. 3.18 *João estava velho para ser presidente.*

ex. 3.19 *João estava ansioso para ser presidente.*

percebe-se que em 3.18 temos semanticamente uma comparação entre a idade de João e uma idade esperada para o presidente, e neste caso considera-se a oração infinitiva como um modificador do adjetivo. Em 3.19 a oração infinitiva corresponde a um argumento na estrutura do predicado semântico de ANSIOSO, configurando-se, portanto, um caso de complementação.

Os adjetivos deverbais muitas vezes herdaram a estrutura argumental dos verbos derivantes, como discute Gamarski (1995), em especial para os adjetivos da forma Xnte. Isto pode ser notado nos exemplos discutidos em (Borba 1996):

ex. 3.20

1. *É estranhável (estranha-se) que os preços não baixem.*
2. *É conveniente (convém) que você visite os velhinhos.*

Este tópico merece uma discussão mais aprofundada, principalmente porque é pouquíssimo discutido nas gramáticas do português. Para uma apresentação mais abrangente deste aspecto dos adjetivos em inglês, remeto o leitor a (Huddleston 2000). Deve-se ter cuidado, no entanto, pois neste ponto há grandes diferenças entre as duas línguas. No inglês, por exemplo, encontram-se adjetivos que exigem complemento preposicionado, tal como *fond (of)*, o que em português não encontra paralelo.

3.5

Fronteiras entre classes de palavras

3.5.1

Substantivos x adjetivos

Substantivos e adjetivos relacionam-se intimamente no português. Há processos de nominalização de adjetivos de dois tipos. Quando o adjetivo é usado como predicador de uma oração a nominalização aparece em função de anáfora, como por exemplo

ex. 3.21

1. [*É POSSÍVEL que chova.*]
2. [*A POSSIBILIDADE é mínima.*]

Por outro lado, a função semântica de denominação da qualidade expressa pelo adjetivo pode ocorrer de duas formas: a referência à qualidade geral, como em

ex. 3.22 [*A SINCERIDADE anda escassa.*]

ou a referência à qualidade como propriedade de alguém, como em

ex. 3.23 [*João é SINCERO. A SINCERIDADE de João é comovente.*]

Por outro lado, a formação do adjetivo a partir do substantivo tem como objetivo usar a semântica do substantivo para qualificar ou caracterizar. Os casos de formações morfologicamente marcadas foram apresentados na seção 3.4.3, nos processos de sufixação. Cabe discutir os casos em que há ambigüidade na classificação de um item lexical por este se comportar conforme uma ou outra classe sem que haja alteração de sua forma fonológica.

Basilio (1995a) identifica a diferença entre conversão e a extensão de propriedades lexicais como fenômenos distintos de flutuação categorial no português. No primeiro caso, um item lexical assume totalmente as propriedades de uma outra classe, passando a constituir-se membro dessa outra. É o caso dos exemplos 3.24.

ex. 3.24

1. [*Seu instrumento MUSICAL favorito é o piano.*]
2. [*Fomos assistir a um MUSICAL espetacular.*]

No segundo caso, observa-se que o item lexical adquire determinadas propriedades da outra classe, mas não todas, o que se reflete nas restrições que se impõem ao seu uso. No exemplo a seguir, o uso do adjetivo POBRE como substantivo refere-se a todos os indivíduos caracterizados por ele, ou seja, tem caráter genérico, o que fica claro com a não alteração do sentido com o plural e pela estranheza do feminino.

ex. 3.25

1. [*O POBRE gosta de luxo.*]
2. [*Os POBRES gostam de luxo.*]
3. ?[*A POBRE gosta de luxo.*]

Há casos em que o substantivo ocorre em posição adjetiva, como em CUSTO BRASIL, e em abundantes denominações para cores, tais como AMARELO OVO, LARANJA CALIFÓRNIA e CINZA PRATA. Conforme destaca Basilio (1995b), nestas ocorrências os substantivos determinantes não se comportam morfologicamente como adjetivos, como pode ser observado em CUSTO BRASIL - *CUSTOS BRASIS, não se caracterizando conversão. Existem substantivos que aparecem com frequência nesta função, em posição atributiva potencialmente com relação a um conjunto extenso de substantivos, tais como PROBLEMA (SITUAÇÃO PROBLEMA), PADRÃO (FONTE PADRÃO) e MODELO (ESTUDANTE MODELO).

Outro caso de fronteira entre substantivos e adjetivos é o conjunto dos agentivos deverbais e denominais: os designadores de profissões, agentes de ação habitual ou os instrumentais, como ENCANADOR, EMBROMADOR e REFRIGERADOR, respectivamente. Os agentivos são majoritariamente substantivos, mas boa parte deles pode ocorrer em função adjetiva, atribuindo agentividade ao substantivo especificado, por exemplo em EMPRESA ADMINISTRADORA. Talvez por não serem adjetivos plenos, não aparecem em função predicativa, portanto não gozam de uma série de propriedades dos adjetivos.

3.5.2

Verbos x substantivos

Embora em português, como ocorre em outras línguas românicas, persistam entre o substantivo e o verbo muitas das distinções formais e morfológicas do latim, em línguas como o inglês, por exemplo, muitas formas verbais são idênticas às nominais, tais como TO WALK e WALK.

As formas nominais do verbo - o infinitivo, o gerúndio e o particípio - são casos de fronteira entre o verbal e o nominal, por não exprimirem

nem tempo nem modo. O particípio compartilha diversas propriedades morfológicas, semânticas e sintáticas com os adjetivos; o gerúndio¹, também desempenha funções adjetivas e adverbiais; o infinitivo exprime o processo verbal potencial, aproximando-se do substantivo (Cunha & Cintra 1985), como no exemplo 3.26, em que funciona como sujeito.

ex. 3.26 CAMINHAR *era mais rápido que andar de carro*

Esse tipo de utilização nominal do infinitivo é discutido em (Biderman 1978), incluindo exemplos do francês e do romeno.

Para cumprir funções discursivas e funções semânticas de denominação e predicação, verbos e substantivos são adaptados morfológicamente em português, por meio de derivação. Deixando de lado os processos de formação de verbos a partir de substantivos, abordo aqui a direção inversa, **nominalização**, pela importância direta do resultado desse processo de formação de palavras nas construções com verbo-suporte.

A **nominalização** consiste em uma derivação cujo resultado é um substantivo. De acordo com (Basilio 1999c), a nominalização permite a referência a um processo verbal como a um tipo de evento, ação, estado, etc., independentemente de circunstâncias particulares.

Os processos de nominalização deverbiais mais comuns no português são: $[X]_V \rightarrow [[X]_V\text{mento}]_N$, $[X]_V \rightarrow [[X]_V\text{ção}]_N$, designativos de ação; $[X]_V \rightarrow [[X]_V\text{dor}]_N$, designativo de agente, etc. Sem levar em consideração o sentido da derivação ($V \rightarrow N$ ou $N \rightarrow V$), mas simplesmente a relação verbo / nome, podemos adicionar à lista de processos a derivação regressiva.

A nominalização teve uma influência muito grande na promoção do léxico a uma posição de maior importância na gramática (cf. capítulo 2). Nas fases iniciais da teoria gerativa transformacional a morfologia derivacional foi abandonada, pois na teoria padrão os processos derivacionais gerais eram efetuados dentro das regras transformacionais sintáticas. Por exemplo, os enunciados em 3.27 seriam gerados da mesma estrutura profunda, sendo que na geração da segunda haveria a aplicação de uma regra fonológica de nominalização.

ex. 3.27

1. [*Os vizinhos terminaram de construir a casa.*]

¹Há também o gerundivo, modalidade de gerúndio latino, com função de particípio passivo futuro; “exprime ação que está por se realizar ou que será realizada” (Houaiss 2001). Em português, há substantivos derivados de gerundivos latinos, como MEMORANDO e AGENDA, e neologismos, como FORMANDO, DIPLOMANDO, DOUTORANDO, etc. Entretanto, trata-se de um processo pouco produtivo de formação de palavras.

2. [Os vizinhos terminaram a construção da casa.]

Em (Basilio 1980) encontra-se uma análise dos prós e contras da hipótese transformacionalista, resumida a seguir. Nessa hipótese, há duas virtudes que devem ser destacadas. Por um lado, o léxico fica reduzido pois muitas redundâncias seriam eliminadas. Por exemplo, dos pares <verbo/nominalização> apenas uma forma básica seria listada. Por outro lado, fica bem marcada a relação semântica entre as orações transformadas.

No entanto, alguns problemas sérios não são resolvidos transformacionalmente (recomendo (Gunzburger 1979) para uma análise bem exemplificada). Em (Chomsky 1970) o autor rejeita o tratamento transformacionalista do léxico, propondo a Hipótese Lexicalista. Chomsky seleciona o problema da nominalização para argumentar que as relações verbo / nome nesses casos devem ser explicitadas no léxico. Mesmo nos casos idiossincráticos, uma vez que cada entrada lexical pode ter traços semânticos independentes, a hipótese lexicalista remedia o problema das extensões de sentido adquiridas pelas nominalizações.

A regularidade das relações palavra básica / nominalização é notável, como argumentado em (Gunzburger 1979), demonstrando a possibilidade de preverem-se as interpretações dos nominais a partir das características semânticas dos verbos correspondentes. Em (Basilio 1980), a autora é enfática nessa questão, tomando como básico o argumento de que o fenômeno da nominalização é uma associação paradigmática entre verbos e nomes, e não um mero processo de formação ou uma associação idiossincrática. As principais evidências dessa forte correspondência apresentadas pela autora são:

- grande parte dos verbos existentes no léxico do português apresentam uma contraparte nominal;
- os verbos sem um nome relacionado em geral podem ser caracterizados: verbos coloquiais, verbos auxiliares, verbos que sofreram *bloqueio*² por razões de diacronia, etc;
- a formação de verbos denominais é imprevisível, totalmente ao contrário da formação de nomes deverbais.

De um ponto de vista empírico, a importância do fenômeno da nominalização pode ser apreciada pelas evidências de que dentre os processos de

²Conforme definido por Mark Aronoff, o fenômeno do bloqueio ocorre quando existe no léxico uma forma que exerce a função que uma forma nominalizada exerceria.

formação de palavras, os mais produtivos são as nominalizações. Em (Sandmann 1989), o autor demonstra que novas formações de nomes ocorreram aproximadamente duas vezes mais que as de adjetivos e verbos juntas³.

Em (Beard 1998) encontra-se uma tipologia das derivações quanto à função que cumprem no contexto lingüístico. Beard distingue:

1. a derivação de traço (*featural derivation*), onde não há mudança de classe, mas sim de traços gramaticais, como gênero; possivelmente, em português esse tipo de derivação é considerado flexão;
2. a derivação funcional (*functional derivation*), onde pode haver mudança de classe, mas há principalmente mudança de caso, por exemplo, locativo (*-aria*), instrumental (*-dor*), origem (*-ense*), etc;
3. a transposição (*transposition*), onde há apenas mudança de classe para a adequação sintática;
4. a derivação expressiva (*expressive derivation*), onde não há mudança de classe; semanticamente, reflete a percepção subjetiva do falante.

Dentro dessa tipologia, há nominalizações funcionais e de transposição.

Em (Basilio 1999c) a autora propõe uma classificação mais refinada, que revela melhor o papel sintático / semântico da nominalização. Basilio observa que os processos de nominalização apresentam muitas vezes funções múltiplas e simultâneas. A principal delas seria a função sintática (tipo mais próximo à **transposição**). No entanto, à função sintática são agregadas as funções **textual** e da **estrutura do texto**, que lhe atribuem uma justificativa em termos de necessidades do discurso. Essa discussão das funções da nominalização reiteram a estreita ligação semântica entre verbos e suas nominalizações.

A relevância das classes de palavras na análise lingüística pode ser constatada no vasto conjunto de propostas de descrição da gramática que utilizam as classes como espinha dorsal do modelo descritivo. No âmbito deste trabalho, as categorias tradicionais se mostram adequadas como base do estudo. As características principais das categorias centrais para as construções com palavras de suporte foram expostas nesse capítulo.

³A metodologia da análise do cópuz por Sandmann bem como certas hipóteses de trabalho devem ser consideradas na apreciação dessa afirmação.